

ELOÍ CERQUEIRA

~~GAÇUA DE UMA FAMÍLIA DE LEGIONÁRIOS REPUBLICANOS~~~~A "LOJA DO ELOÍ -- NINHO DA REPÚBLICA"~~

Passou-se, no dia 13 deste mês, o primeiro centenário do nascimento, em Campinas, de Eloí Cerqueira, undécimo e último filho do tenente Antônio Benedito de Cerqueira Leite, velho fazendeiro que ali nasceu e morou quando a vila ainda se chamava "Vila de São Carlos", depois de ter sido chamada "Campinas de Mato Grosso". O avô de Eloí, Antônio Benedito de Cerqueira César, da grande arvore paulista dos Garcia Velho, fôra abridor de fazendas e de lavouras de cana, servidor do reino, titular de comenda e "manda-chuva" daquelas paragens que, no fim do seculo XVIII ainda eram a boca do sertão dos "goiases" e a passagem obrigada dos furadores das zonas interiores, em que se apresavam índios e se devassavam riquezas minerais no alveo dos nossos rios.

As terras passaram, em duas gerações, para filhos e estranhos; e quando Antônio Benedito de Cerqueira Leite morreu, deixando a mulher viúva, seis filhos maiores e cinco menores, suas condições financeiras já não eram de folga. Ao contrário, a fazenda chamada "Pau d'Alho", uma das melhores do município, situada em terras feracíssimas da bacia do ribeirão de Anhumas, à saída da estrada de Moji-Mirim, e na qual nasceram quase todos eles, já tinha passado a outro proprietário, o futuro barão de Itapura, Nenê Aranha, casado com d. Libânia, da grande arvore dos Sousa ~~Sousa~~ ^{Aranhas}.

Os filhos daquela grande família vão aqui enumerados, para anotação de leitores que gostem dessas genealogias resumidas:

- 1 - Antônia Benedita, casada com um boliviano D. Fernando Castanheira, que apareceu por Campinas e depois sumiu, sem deixar notícia nem descendencia; 2 - Maria Jacinta, que casou com seu primo dr. Antônio Benedito de Cerqueira Cesar e deixou grande descenden-

cia (Abelardo de Cerqueira César, o filho deste, há meses desaparecido, Abelardinho e outros sendo única sobrevivente desse ramo d. Júlia Cesar Ferreira, mãe do dr. Enéas César Ferreira, admiravelmente lúcida no caminhar dos 82 anos); -3- Olegário, que foi casado duas vezes e de ambos os leitos deixou numerosa descendência; 4- Cândida Rosa, que foi casada com o dr. Antônio Alvares Veloso de Castro, magistrado, falecidos sem descendência; 5- dr. Jorge Miranda (Jorge Ludgero de Cerqueira Miranda), um dos mais auteros e conspícuos propagandistas republicanos, também casado duas vezes, com descendência de 11 filhos, a maior parte já mortos, apontando-se, entre os vivos, Renato Miranda; 6- Maria Pureza, que casou com um parente distante, João Batista Passos, fazendeiro em Itatiba, lavrador de grande atilamento, tendo ficado dessa união uma geração talvez a mais numerosa da família, em seguida desdobradas em sub-gerações também numerosas e ilustres; - dr. João Passos, dr. Antônio Passos, Bráulio, Alberto e Jorge Passos, Herculano, Targina (casada com o dr. Luís Barbosa da Gama Cerqueira), Durval e Maria Pureza (casada com o dr. Eduardo de Campos Maia); 7- Antônio Benedito (Totó Passarinho), casado com uma irmã do dr. Ramos de Azevedo, com descendência - (dr. Ascanio Cerqueira, falecido há 4 anos, pai do jovem crítico e musicólogo Paulo Cerqueira; Vevê e Godinho Cerqueira, dos primitivos quadros de futebol do C. A. Paulistano e 3 ou 4 filhas); 8- Julio César, casado com senhora de família de opulentos lavradores campineiros, do ramo dos Andrade de Paula Viana, também com descendência; 9- Francisco Glicério, um dos grandes da República, eixo de sua política durante o primeiro decênio, casado com d. Adelina Meloni, com descendência ilustre da qual se destacaram o filho Clóvis e a filha d. Clotilde, que foi casada com o grande mestre de Direito Herculano de Freitas; 10- Leão Cerqueira, casado com d. Amélia Ferraz, também de velha progênie paulista, com descendência já desdobrada em netos; e, finalmente, 11- Elói Euticiano, que casou com uma outra

~~Eloy Cerqueira, caçula de uma família de legionários republicanos.~~
(cont;)

- fls. 3 -

irmã do dr. Ramos de Azevedo e deixou, dessa união, um filho varão, com o seu nome e várias filhas mulheres, uma das quais foi casada com o dr. Sebastião Pereira.

De 4 cabeças de geração já tive ensejo de escrever extensamente - o dr. Jorge, Júlio César e Leão, além de mais extenso e pormenorizados estudos sobre Francisco Glicério. Vamos, pois, recordar o último da digna estirpe do antigo fazendeiro cam-pineiro tenente Antônio Benedito, esse cujo centenário há pouco de comemorou.

o o o

Contava Eloy 12 anos, em 1861, quando perdeu o pai. Tinha feito o curso preliminar na escola de Quirino do Amaral Campos, pela qual já haviam passado outros seus irmãos e, com eles, Campos Sales, Francisco Quirino e João Quirino do Nascimento. A morte do tenente Totó César, forçou alguns filhos a abandonarem os estudos e a se iniciarem na vida comercial ou agrícola: Júlio César foi, com o cunhado João Batista Passos, explorar uma sitioca em Itatiba; Glicério foi ensinar os irmãos menores de Campos Sales na fazenda do pai destes, em Rio Claro; Leão e Eloy ainda continuaram o curso preliminar até que o último, com 18 anos, e depois dos preparatórios realizados em colégio de S. Paulo integrou-se, de vez, no comércio e abriu casa em que havia de tudo - "vidros de cheiro", pó de arroz, rapé, louças, talheres, armas de fogo, vinhos e grande variedade de artigos de alimentação.

Já então casado, e fazendo parte do grupo dos primeiros sócios do "Clube Semanal", que reunia a fina flor da rapaziada da época, empregava horas vagas na cultura da música e fazia parte da orquestra que Sant'Ana Gomes dirigia com finura e bom gosto.

O que, entretanto, tornou Eloy Cerqueira mais co-

nhecido e prestigioso foi a sua casa comercial que, aos poucos, se converteu em ponto central de palestras, ajuste de negócios, conciliábulos e pirraças políticas, em suma, ponto central de convergência da boa gente local, disputando essas primasias ao próprio clube de que eram todos, ou quase todos, associados.

A "Loja do Elóy" ficou célebre e, durante toda a propaganda republicana foi elevada à condição de centro obrigatório de encontro dos correligionários do credo novo - com portas largas, francas e leais, aos seguidores dos dois partidos monarquistas. É essa uma feição peculiar interessantíssima que atestava o nível de cultura política daquela gente e o dom de prosetilismo, a extraordinária emanção de simpatia que se irradiava do dono da loja, dos seus irmãos e dos seus amigos mais chegados. Leopoldo Amaral, cronista dos mais autorizados e interessantes dessas épocas recuadas, chamava à Loja do Elóy, "ninho da República". Diria melhor se lhe chamasse "ninho da democracia".

Foi ela instalada, em seu período de maior prestígio numa casa baixa situada na esquina do largo da Matriz Velha com a rua do Caracol: esse largo é a atual praça Bento Quirino; a rua do Caracol desde 1891, chama-se Benjamin Constant. O prédio em que Elóy Cerqueira instalou sua loja, e na qual os republicanos, tanto como no seu Clube (inaugurado no sobrado de José de Campos Sales, sogro de Campos Sales, na hoje rua Francisco Glicério) haviam instalado uma sucursal de cabala, de propaganda e de maquinações trocistas, teve o destino de só servir ao Partido Republicano e aos perrepistas, até 1930. Ali, residia a mãe de Elóy, depois de viúva e dali saiu para o cemitério. Ali se instalou mais tarde o filho com sua loja e ali permaneceu 15 anos. Extinta a casa comercial, passou o prédio a depósito de ferragens, cal e cimento de Santos, Irmão e Nogueira (Bento Quirino, José Paulino Nogueira e seus sócios subsequentes), até que essa firma também se extinguiu em 1905.

Anos após ali se instalava a "Cidade de Campinas",

baluarte glicerista durante as campanhas de 1896 a 1899, a favor do P. R. F. e de 1901 a 1905, na luta contra a antiga dissidência do P. R. P. A casa foi adquirida, em seguida, por meu pai e ali tivemos jornal, de um lado, escritório de outro. Era, assim, por tradição e por um destino inelutável, chão do partido...

Quando procedemos à derrubada de algumas paredes de taipa, ali por 1905, a fim de instalar no jornal um prelo de maior tiragem que servira no "Diário Popular" e nos fôra vendido por Zéca Lisboa, - escavando blocos de terra solta, descobrimos garrafas de vinho do porto de alta linhagem, ali enterradas pelo Elóy em era remota, seguramente trinta anos antes.

O vinho era de estirpe - e com ele se regalaram redatores, noticiaristas, revisores e tipógrafos, em camaradagem exuberante.

A "Loja do Elóy" exerceu uma fascinação sobre moços e velhos do seu tempo. Ao lado dos balcões e dos depósitos de gêneros e artigos do seu comércio, punha ele à disposição dos amigos - 1 bilhar e mesas de xadrez e dominó. Sob um telheiro que ia até a rua dos fundos, uma instalação de jogo de bolas, a exemplo do que existia num dos clubes de alemães da cidade. Após os prélios políticos, ali se encontravam e confraternizavam os adversários da véspera, sem azedumes, sem saldo de malquerenças originadas de uma derrota ou de picardias, golpes manhosos e tramolazinhas de cabala em que eram férteis todos os cabos incumbidos da arregimentação. A massa eleitoral era tão seguramente conhecida e tão firme em seus passos que os chefes dos três partidos, distribuídos em mesas diferentes - liberais numa, conservadores noutra, republicanos num depósito contíguo - todos sob o mesmo tecto, todos sob o olhar acolhedor e amável do dono da casa - faziam suas verificações e procuravam explicação para os números de votantes que atestavam um desfalque qualquer na inscrição conhecida dos "viveiros". O engano era, em certas ocasiões, de numeros pequenos, de proporção insignificante. E vi-

Eloy Cerqueira, caçula de uma família de legionários republicanos.
(cont.)

- fls. 6 -

nham as tiradas maliciosas, os revides sem injúria, as mutuas espináfrazões. E no meio de tudo, como condimento, uma ou outra pilhéria fescenina.

Se o Clube Republicano, como frequentemente sucedia, levava à Campinas propagandistas e oradores de renome, era certo que o visitante, à tarde ou à noite, depois da conferência, se defrontaria, na loja do grande lidador republicano, com os adversários da sua grei política. Saldanha Marinho, Ubaldino do Amaral, Luís Piza, José do Patrocínio, Quintino Bocaiuva ali se encontraram, tanto com os chefes republicanos - Jorge Tibiriçá, Antônio Pompeu, os Quirinos, os Álvaro, os Cerqueiras Leites, os Salles e outros da família do barrete frígio, - como com os adversários, Conde de Parnaíba, Delfino Cintra, Barões de Itapura e Ibitinga, José Bento dos Santos, dr. Ricardo Dauntre, dr. Luís Silvério Alves Cruz - conservadores - ou os chefes e jornalistas liberais - Visconde de Indaiatuba, dr. Moraes Sales, dr. Luís Albino Barbosa de Oliveira, dr. João Egídio, Carlos Norberto e Policarpo de Queirós.

Essa fraternidade entre homens de níveis de cultura bastante diversos, mas de hábitos de educação correspondentes, não era, aliás, privilégio exclusivo de Campinas; no Amparo e em Rio Claro, ao que sei, hábitos idênticos de civilidade política e social predominavam entre os chefes e os cabeças autorizados das várias fações políticas. A atividade partidária não envenenava nem criava incompatibilidades agressivas como são as de hoje. A Loja do Elói era um símbolo e símbolo que teria seguidores na sua cidade, como teve exemplares em outras muitas.

~~Eloy Cerqueira, caçula de uma família de legionários republicanos.~~

(cont.)

~~-fls. 7 -~~

Mudando-se com a família para São Paulo em 1890, Eloy Cerqueira fechou a casa comercial de Campinas. Durante certo tempo, aqueles frequentadores assíduos, como aves sem ninho, se deslocaram para um outro estabelecimento comercial, a "Loja do Morais" (Je. Correia de Morais), casado com uma sobrinha de Bento Quirino. Mas a época ia em constante agitação e com hábitos que, dia a dia, se deformavam - e essa também, acabou.

Instalado, em S. Paulo, entrou Eloy Cerqueira para a gerência do Banco União, acompanhando outros amigos e correligionários - Antônio de Lacerda Franco, Vitorino Carmilo, João Tobias de Aguiar e João Batista de Melo Oliveira. Para esse grupo seletoria, mais tarde, Carlos de Campos. O Banco - está claro - não podia converter-se em "loja", a exemplo da que fora, em Campinas, centro obrigatório de tantas reuniões animosas e risonhas. Talvez por isso, Eloy Cerqueira passou, em 1896, a exercer as funções de corretor oficial da Bolsa de S. Paulo, pouco antes criada. O escritório do corretor era na Travessa do Comercio, pavimento térreo. Instalação simples: algumas cadeiras e um sofá de palhinha, já com o "fundo" dos que ali faziam ponto; atrás de uma divisão de vidro, uma seção de alguma reserva, com uma velha secretária amarela, uma mesinha, 1 prensa e 1 burra. Se o caso era, efetivamente, de maior importância e havia ajuntamento na divisão da frente, o recurso era combinar negócios ou colher informações sigilosas no cubículo do lavatório ou no beco. Vizinha do escritório ficava "A Platéia" e o borborinho da venda avulsa, em épocas de agitação política, confundia o jornal com o "escritório do "Eloy", que continuava a ser quartel general ou posto de comando de lutas partidárias, mormente quando aqui aparecia o irmão do corretor, já então senador Glicério. Aquele homem de hábitos tranquilos, de modos simples, de inteligência aguda e espírito reto, ao lado das suas atividades de corretor, continuava com a inteligência e

